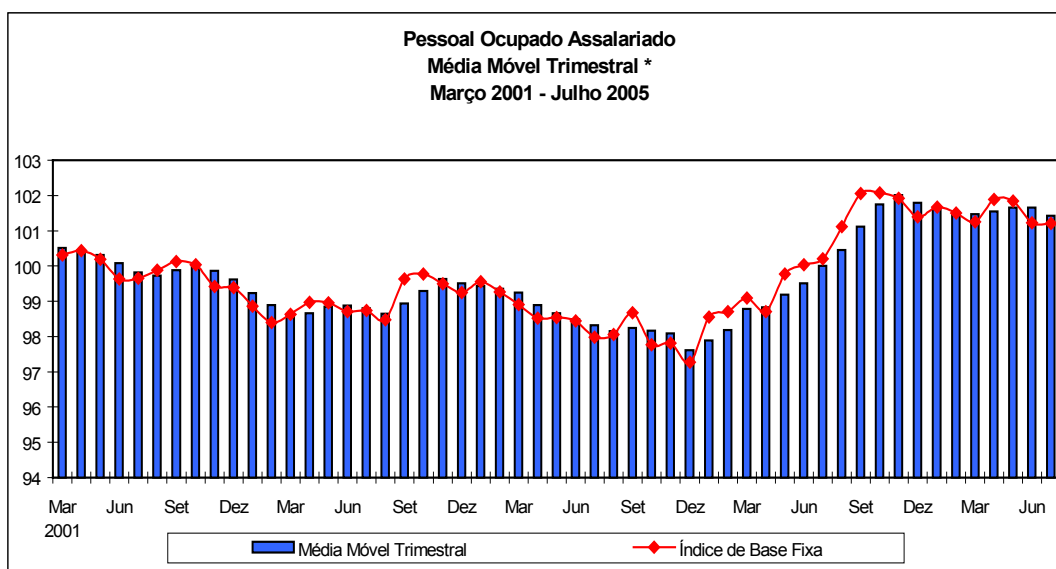


Comentários

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em julho de 2005, o indicador do emprego industrial mostra que não houve variação em relação ao mês anterior (0,0%), na série livre de influências sazonais. No confronto com mesmo mês do ano passado, o índice registrou aumento de 1,1% e o acumulado no ano ficou em 2,1%. No acumulado nos últimos doze meses observa-se ligeiro recuo entre junho (2,9%) e julho (2,8%).

A estabilidade do nível de emprego entre julho e junho, após a redução de 0,6% observada em junho/maio, leva o índice de média móvel trimestral a sinalizar trajetória descendente: segundo o gráfico abaixo, há uma queda de 0,2% entre os trimestres encerrados em junho e julho.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

Em relação a julho de 2004, o número de admissões no setor industrial continua superando o de demissões, com acréscimo de 1,1%. Nove das quatorze áreas investigadas contribuíram positivamente no resultado geral, com destaque para São Paulo (3,2%) e Minas Gerais (3,6%). Nos dois estados, alimentos e bebidas e produtos de metal foram os ramos determinantes na formação dos resultados locais, em conjunto com mais sete segmentos na

indústria paulista e mais dez na indústria mineira, que apresentaram taxas positivas. Entre as áreas que reduziram o emprego, as principais influências negativas vieram do Rio Grande do Sul (-7,0%) e Santa Catarina (-0,8%). Calçados e artigos de couro (-20,8%) na indústria gaúcha e madeira (-12,3%), na catarinense, foram os principais responsáveis pelo decréscimo do número de trabalhadores nestes estados.

Em nível nacional, os principais impactos positivos para o aumento do número de pessoas ocupadas, frente a julho de 2004, vieram de alimentos e bebidas (8,9%), meios de transporte (8,0%) e produtos de metal (9,9%). Por outro lado, calçados e artigos de couro (-14,0%) e madeira (-12,1%) foram as contribuições negativas mais significativas.

No acumulado no ano, o emprego industrial apresentou crescimento de 2,1%, explicado, sobretudo, pelos resultados de doze do quatorze locais e dez dos dezoito segmentos pesquisados. No total do país, os principais destaques, em termos de participação, foram observados em alimentos e bebidas (7,3%), meios de transporte (11,5%) e máquinas e equipamentos (3,7%). No corte regional, São Paulo (3,0%) e Minas Gerais (4,4%) responderam pelas principais contribuições positivas. No parque industrial paulista, as principais pressões vieram de alimentos e bebidas e meios de transporte, ambos com 12,1% e, no mineiro, as mais importantes foram em produtos de metal (31,7%) e meios de transporte (11,3%).

Ainda nesta comparação, em sentido contrário, Rio Grande do Sul (-4,5%) e Rio de Janeiro (-1,1%), entre os locais e calçados e artigos de couro (-9,7%) e vestuário (-3,5%), entre os setores, representaram as principais contribuições negativas.

A taxa anualizada, medida pelo indicador acumulado nos últimos doze meses, mostrou discreta desaceleração no ritmo de crescimento do emprego industrial entre junho (2,9%) e julho (2,8%).

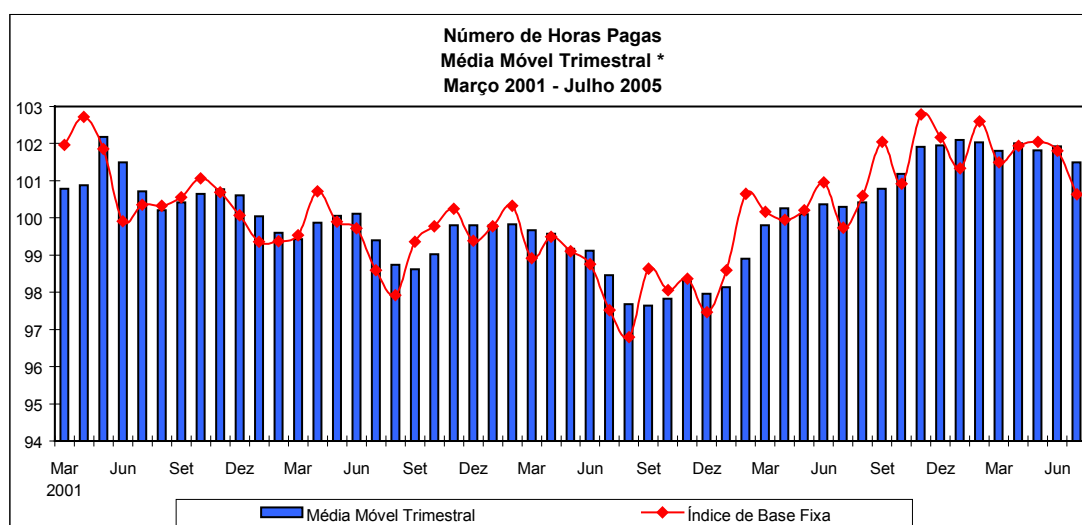
Em síntese, nas comparações com 2004, os resultados do emprego e do número de horas pagas são positivos. No entanto, os indicadores de média móvel trimestral mostram queda de 0,2% e 0,4%, respectivamente, entre os trimestres encerrados em julho e junho. Esse movimento pode estar

relacionado à estabilidade da produção, apontada em julho, para este indicador.

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em julho, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, na série livre dos efeitos sazonais, recuou em 1,2% em relação a junho. A comparação com igual mês do ano anterior apresentou aumento de 0,9%. Também registraram acréscimos os indicadores acumulado no ano e acumulado nos últimos doze meses, com taxas de 1,6% e 2,6%, respectivamente. A jornada média de trabalho mostra resultados negativos em todas as comparações: -0,2% no indicador mensal, -0,5% no acumulado no ano e -0,3% no acumulado nos últimos doze meses.

Após dois meses consecutivos de queda no índice mês/mês imediatamente anterior, o indicador de média móvel trimestral exibe recuo de 0,4% nos trimestres encerrados entre julho e junho, interrompendo o comportamento estável dos resultados mais recentes.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

No indicador julho 05/ julho 04, o número de horas pagas assinalou alta de 0,9%, refletindo, sobretudo, os desempenhos positivos de oito das quatorze regiões e também oito dos dezoito ramos pesquisados. Os principais destaques foram alimentos e bebidas (9,3%), produtos de metal (11,4%) e meios de transporte (8,3%). Por outro lado, as principais contribuições negativas vieram de calçados e artigos de couro (-14,1%) e madeira (-12,0%).

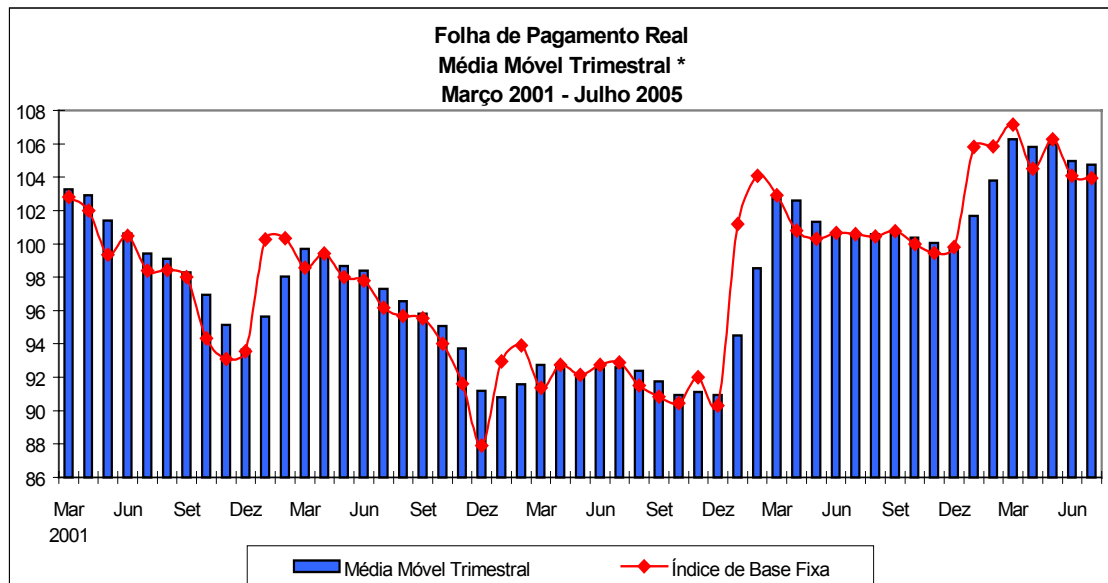
Ainda na comparação mensal, os locais de maior impacto positivo no resultado global foram São Paulo (2,9%), Minas Gerais (4,6%) e Região Norte e Centro-Oeste (2,8%). Na indústria paulista, nove dos dezoito ramos pesquisados aumentaram o número de horas pagas, sendo que as maiores influências, em termos de participação, vieram de alimentos e bebidas (13,0%), produtos de metal (16,6%) e meios de transporte (9,8%). Em Minas Gerais, produtos de metal (41,7%) e alimentos e bebidas (6,8%) sobressaíram entre os doze ramos com resultados positivos. Alimentos e bebidas (14,6%) também teve a principal contribuição no resultado da região Norte e Centro-Oeste. Por outro lado, a queda no Rio Grande do Sul (-7,1%) causou a maior pressão negativa sobre o índice geral, sobretudo em razão do recuo no segmento de calçados e artigos de couro (-21,0%).

No acumulado janeiro-julho, o aumento de 1,6% pode ser explicado principalmente pelo crescimento de dez das quatorze regiões e oito dos dezoito segmentos pesquisados. Os maiores impactos positivos vieram de São Paulo (2,3%), Minas Gerais (5,0%) e Região Norte e Centro-Oeste (4,2%). Por outro lado, Rio Grande do Sul (-5,8%) e Rio de Janeiro (-2,0%) foram os principais recuos. Em termos setoriais, os impactos positivos mais relevantes foram observados nas indústrias de alimentos e bebidas (7,6%), meios de transporte (10,7%) e produtos de metal (6,5%). Entre as quedas, os segmentos de calçados e artigos de couro (-10,4%) e madeira (-5,6%) são os principais destaques.

O indicador acumulado nos últimos doze meses, ao apresentar crescimento de 2,6%, mostra trajetória estável no número de horas pagas. No âmbito setorial, doze atividades registraram crescimento, com destaque para alimentos e bebidas (6,5%). Já a maior pressão negativa veio de calçados e artigos de couro (-6,3%). No que tange aos locais, São Paulo (2,8%) e Rio Grande do Sul (-3,2%) responderam pelos maiores impactos, positivo e negativo, respectivamente.

FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em julho, o valor da folha de pagamento real da indústria brasileira apresentou variação negativa de 0,1% na comparação com o mês imediatamente anterior, já descontados os efeitos sazonais. Este movimento contribuiu para o ligeiro recuo do indicador de média móvel trimestral, uma vez que, entre os trimestres encerrados em junho e julho, o decréscimo ficou em 0,2%.

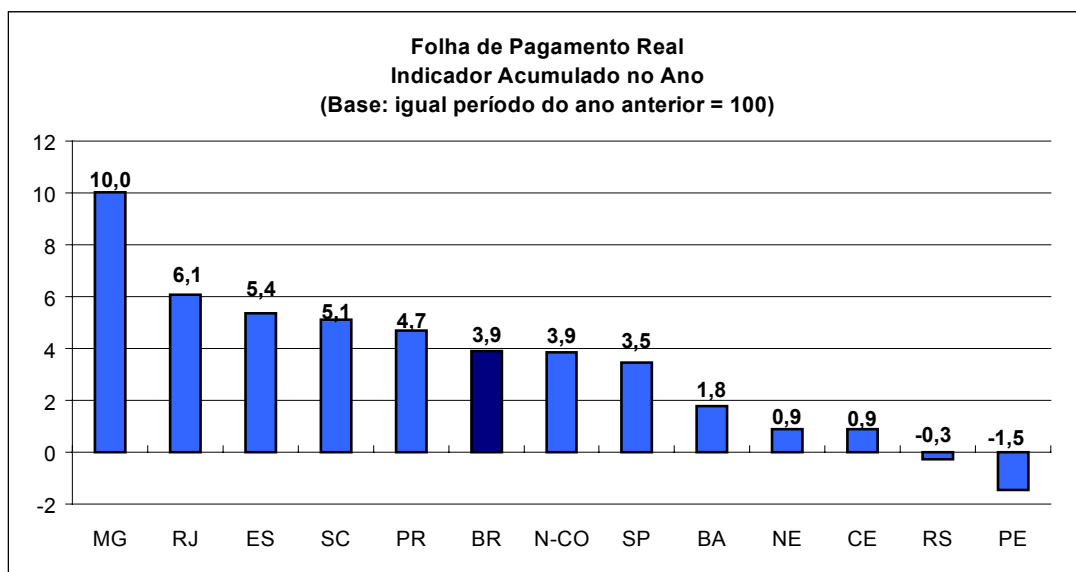


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

Os demais indicadores da folha de pagamento real prosseguiram apresentando taxas positivas em suas principais comparações. Em relação a julho de 2004, o crescimento foi de 3,1%, o acumulado nos sete primeiros meses do ano aumentou 3,9% e, no acumulado nos últimos doze meses, a expansão ficou em 6,4%. Em relação à folha de pagamento média real, os resultados também foram positivos nos três tipos de confrontos: 2,0% no índice mensal, 1,7% no acumulado no ano e 3,4% no acumulado nos últimos doze meses.

O valor real da folha de pagamento cresceu 3,1% em julho deste ano na comparação com igual mês do ano anterior, com onze dos quatorze locais pesquisados apresentando acréscimo. A maior influência positiva foi observada em São Paulo (4,6%), devido ao aumento, sobretudo, das atividades meios de transporte (8,7%) e alimentos e bebidas (14,8%). Entre os locais que assinalaram taxas negativas, a maior pressão veio do Rio de Janeiro

(-10,0%), em função, principalmente, do recuo registrado na indústria extrativa (-57,7%), consequência de uma base de comparação atípica devido à distribuição da participação nos lucros realizada por importante empresa do setor em julho de 2004. Em nível setorial, o crescimento do indicador mensal pode ser explicado, sobretudo, pela expansão observada na maior parte (doze) das atividades pesquisadas. As maiores influências positivas vieram de alimentos e bebidas (11,1%) e meios de transporte (9,0%). Por outro lado, sobressai como a contribuição negativa mais significativa a indústria extrativa (-19,5%).



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

O acumulado nos primeiros sete meses de 2005 aponta expansão de 3,9% no valor da folha de pagamento real, resultado que reflete, principalmente, o crescimento de doze das dezoito atividades industriais investigadas. Os ramos de meios de transporte (10,8%), alimentos e bebidas (9,3%) e máquinas e equipamentos (8,0%) apresentam as contribuições positivas mais relevantes. Já os destaques, em termos de influência negativa, foram papel e gráfica (-7,4%) e minerais não-metálicos (-5,9%). Regionalmente, São Paulo (3,5%) e Minas Gerais (10,0%) assinalaram os maiores impactos positivos no total do país, consequência, sobretudo, da expansão observada, respectivamente, nos setores de meios de transporte (11,3%), alimentos e bebidas (17,7%) e produtos de metal (68,0%). Apenas dois locais apresentaram retração neste confronto: Pernambuco (-1,5%) e Rio Grande do

Sul (-0,3%), com destaque para o recuo nos setores de alimentos e bebidas (-7,5%), no primeiro, e calçados e artigos de couro (-13,8%), no segundo.

No que se refere à folha de pagamento média real da indústria, o indicador acumulado no ano, com expansão de 1,7%, apresenta ganho em nove dos quatorze locais e dez dos dezoito setores pesquisados. Regionalmente, em termos de magnitude da taxa, sobressaem os acréscimos observados no Rio de Janeiro (7,2%), Minas Gerais (5,4%) e Espírito Santo (5,1%). Em termos setoriais, os avanços mais intensos são verificados em vestuário (4,8%), indústria extrativa (4,4%) e máquinas e equipamentos (4,2%).

Finalmente, o indicador acumulado nos últimos doze meses registrou expansão de 6,4% em julho, dando continuidade ao movimento de desaceleração no ritmo de crescimento do valor real da folha de pagamento, iniciado em janeiro. Este indicador teve seu comportamento influenciado, principalmente, pelo desempenho favorável de treze dos quatorze locais investigados e por quatorze das dezoito atividades.